



Ensino Remoto Emergencial em Tempos de Pandemia: A Percepção de Alunos do Ensino Médio e Técnico Integrado no Uso do Ambiente Virtual de Aprendizagem

Emergency Remote Teaching in Times of Pandemic: The Perception of High School and Integrated Technical Students in the Use of the Virtual Learning Platform

Bruna Oliveira Rosa^{1*}, Leonardo Luís Costa e Silva Giorno²

¹Fundação Osório, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2174021280710906> .
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9469-1994>

²Fundação Osório, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3892594651684015>

Resumo

O presente trabalho tem como intuito apresentar os principais resultados de pesquisa exploratória sobre o ensino remoto emergencial realizado com 279 alunos do Ensino Médio Profissionalizante de uma escola da rede pública federal do Rio de Janeiro, durante a pandemia da Covid-19. Os alunos, que utilizavam o ambiente virtual de aprendizagem, apontaram limitações no acesso e dificuldade na aprendizagem, além de indicar caminhos para o aperfeiçoamento do ensino remoto. A compreensão dos diversos fatores que envolvem esta modalidade de ensino servirá como subsídio para os professores e gestores aperfeiçoarem o ensino, propiciando uma melhor aprendizagem para os alunos.

Palavras-chave: Ensino remoto emergencial; Ensino Médio; Ambiente virtual de aprendizagem

Abstract

This paper aims to present the main results of an exploratory research on emergency remote teaching developed with 279 high school students from a public school in Rio de Janeiro, during the Covid-19 pandemic. The students, who used the virtual learning environment, showed limitations in access and difficulty to learn, in addition, they indicated some ways to improve remote teaching. Understanding the various factors that involve this teaching modality will serve as a baseline for teachers and managers to improve teaching, providing better learning for students.

Keywords: Emergency remote teaching; High school; Virtual learning environment.

* E-mail: brunarosa@fosorio.g12.br



1. Apresentação

No final de 2019, um novo coronavírus reconhecido como SARS-CoV2 começou a circular entre as pessoas, na China. Em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde decretou a pandemia da Covid-19, ao mesmo tempo em que os primeiros casos começavam a chegar ao Brasil. Os governos, em todo mundo, passaram a tomar medidas de isolamento social com o intuito de conter o avanço da doença. Uma destas primeiras medidas adotadas foi “a suspensão das atividades escolares” (BRASIL, 2020a), dado que as escolas são locais de diária aglomeração entre alunos, professores e funcionários.

Muitos Estados do Brasil anteciparam o recesso escolar para ter mais tempo para planejar novas medidas. No entanto, a rapidez com que a contaminação passou a acontecer, decorrente de um complexo processo de globalização, somado às incertezas geradas pela falta de conhecimento sobre esta nova doença não permitiram que as diversas instituições de ensino tivessem o tempo necessário para se preparar para uma nova realidade que levaria à utilização das tecnologias digitais de informação e comunicação como veículo central da educação. Paralelamente, o Ministério da Educação (BRASIL, 2020b) autorizou a substituição das aulas por atividades não presenciais, no ensino técnico, e o Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2020a) emitiu parecer com indicações de medidas para a mitigação dos efeitos da pandemia na educação, como atividades e-learning que poderiam ser computadas como dias letivos.

Este estudo se debruça sobre este contexto de crise educacional, em que alunos e professores se encontraram impedidos de ir à escola. A pesquisa foi realizada na Fundação Osório, escola localizada na cidade do Rio de Janeiro, instituição federal de ensino básico e profissionalizante, que lançou mão da plataforma *moodle*, ambiente de aprendizagem virtual (AVA), para a realização do ensino remoto emergencial, como forma de mitigar os efeitos da pandemia e preservar a saúde dos membros da comunidade escolar.

Esta pesquisa buscou investigar as diversas dificuldades encontradas pelos alunos do Ensino Médio na utilização do *moodle* como ambiente virtual de aprendizagem. Deste modo, a compreensão dos diversos fatores que envolvem esta modalidade de ensino servirá como subsídio para os professores e gestores aperfeiçoarem o ensino, propiciando uma melhor aprendizagem para os alunos.



2. O ensino remoto emergencial

O ensino remoto emergencial (ERT), Emergency Remote Teaching, não se identifica com o ensino à distância (HODGES et al., 2020). Enquanto o EAD é comumente utilizado em contextos de normalidade social, supondo pesquisa, planejamento, produção antecipada de material digital, adesão voluntária dos alunos, formação de professores, tutores e gestores, o ERT está mais associado a situações de catástrofes naturais ou a cenários de guerra (ARRUDA, 2020), cuja necessidade de distanciamento social, embora necessária, é indesejada pelos diversos atores envolvidos no processo educacional.

Esta modalidade de ensino remoto envolve um grau elevado de incertezas, que não costumam estar presentes no EAD. Segundo Arruda (2020, p. 258), “o ineditismo deste evento não nos permite tecer considerações a curto ou médio prazo sobre como será o mundo e as múltiplas relações que a humanidade construiu”. Ou seja, ao mesmo tempo em que professores, alunos, pais e escola não sabem quando acontecerá o retorno presencial das aulas, também não se sabe como será a nova realidade escolar do pós-pandemia, que precisará adotar medidas preventivas para evitar o contágio, até que uma solução mais permanente seja encontrada, como a criação de uma vacina.

O ERT não é, portanto, a opção de ensino ideal em períodos de estabilidade social, embora seja uma das formas mais apropriadas em tempos de pandemia, pois tem o intuito de preservar a vida e a saúde dos membros da comunidade escolar, bem como de todas as pessoas da sociedade, uma vez que a paralisação da educação básica no Brasil retirou de circulação das ruas aproximadamente 47,8 milhões de estudantes (INEP, 2020), sem contabilizar professores e todos os trabalhadores e prestadores de serviços da área da educação, evitando com isso uma propagação mais rápida do vírus e, com isso, possibilitando a reestruturação do Sistema Único de Saúde. Outro aspecto que faz do ERT uma opção relevante nesse contexto é a possibilidade de a comunidade escolar se manter interligada, funcionando como uma rede de apoio.

Neste sentido, é que se caracteriza o ERT como emergencial, pois não há planejamento específico para ele (THOMAZINHO, 2020), sendo mais simplificado e não permitindo o aprofundamento sobre todos os pontos do planejamento original, fazendo-se necessário dar maior enfoque nos conteúdos mais essenciais e indispensáveis para a aprendizagem. O ensino remoto emergencial acontece quando alunos e professores não



podem se encontrar na sala de aula e se caracteriza como temporário, uma vez que as atividades presenciais retornarão quando a crise terminar, por isso requer um (re)planejamento constante, adaptando-se para as dificuldades e limitações que vão surgindo, ao passo que precisa pensar e organizar a transição para o retorno à escola, que pode acontecer a qualquer momento.

Como todo e-learning, o ensino remoto pode utilizar ferramentas síncronas ou assíncronas (PAIANO, 2007). No uso de ferramentas síncronas, há um contato direto entre professor e aluno, por meio de chats ou aulas online, utilizando plataformas de videoconferência, por exemplo. O ensino assíncrono não acontece simultaneamente, ou seja, o professor disponibiliza o material, uma aula gravada, uma tarefa, um fórum de discussão, em que o aluno pode acessar e participar no horário que desejar. Contudo, é preciso se atentar para as limitações que são próprias de qualquer ensino mediado pelas tecnologias, seja ele à distância ou remoto. Um primeiro enredamento indicado por Belloni (1998) refere-se à formação de professores na pós-modernidade, que precisa considerar uma reflexão sobre o processo de ensino-aprendizagem, que se estabelece em uma relação professor-aluno mais horizontalizada. Além disso, é preciso atentar-se para as dificuldades de acesso por meio dos recursos tecnológicos adequados, sobretudo em tempos de pandemia, em que as redes e plataformas não suportam a grande demanda dos usuários. Há também certa dificuldade para que alunos e professores estabeleçam uma rotina de trabalho, o que é menos comum na escola, que dispõe, todos os dias, de um horário fixo para as atividades letivas. Outro fator é que o tempo de tela em demasia é prejudicial à saúde do aluno. Tudo isso, dentre outros problemas, pode acabar por não resultar na aprendizagem esperada.

3. Ambiente virtual de aprendizagem

Com a ampliação da possibilidade de acesso à informação e ao uso das redes como canais de comunicação e de aproximação de pessoas, as tecnologias se tornaram aliadas à educação. Antes da pandemia, as diversas instituições de ensino, em sua maioria universidades, já exploravam as possibilidades trazidas pelos computadores, bem como todos os seus periféricos e devices, assim como toda forma de aplicações tecnológicas. A incorporação de novas tecnologias possibilitou o desenvolvimento do AVA como novos meios de apoio ao aprendizado. Ambientes virtuais de aprendizagem são softwares



educacionais via internet, destinados a apoiar as atividades de educação a distância. Estes softwares oferecem um conjunto de tecnologias de informação e comunicação, que permitem desenvolver as atividades no tempo, espaço e ritmo de cada participante (RIBEIRO et al, 2007).

Um dos ambientes virtuais de aprendizagem utilizados é o *moodle*, um software livre, que pode ser utilizado e modificado por qualquer pessoa e, por ser uma plataforma gratuita, é comumente utilizado no ensino. No *moodle*, é possível disponibilizar páginas nos formatos html, texto e wiki, inserir links para arquivos ou páginas web. As atividades são um dos pontos fortes do moodle, ele oferece um conjunto de ferramentas de comunicação e discussão, assim como de avaliação e construção coletiva ou pesquisa. A plataforma pode ser acessada na versão desktop e também quando habilitado na sua versão mobile. Por ter um desenho de tipo modular, a plataforma pode ser enriquecida com diferentes plugins, desenhados para satisfazer necessidades específicas de um determinado conjunto de utilizadores (ALVES et al, 2009). Há muitas questões envolvendo a utilização dos ambientes virtuais de aprendizagem. A natureza flexível do AVA, sendo altamente configurável pelos utilizadores finais, deve ser considerada na decisão da instituição de ensino ao adotar essa ferramenta. Esse tipo de ambiente pode constituir desafios de mudança pedagógica e organizacional (CARDOSO, 2006). O papel do professor enquanto dinamizador de um espaço de aprendizagem, seja em uma plataforma moodle, seja em outro espaço destinado a esse efeito, é fundamentalmente diferente do desempenhado na sala de aula presencial. Nos espaços online, terá de potencializar os processos de construção de significados em detrimento dos processos de transmissão de conteúdos, assumindo um papel de moderador e promovendo a criação de conhecimento por todos os elementos do grupo (ALVES et al, 2009).

4. Metodologia

Este estudo, de cunho exploratório, baseado em um survey, utilizou um formulário do Google Forms, que obteve 279 respostas de alunos do Ensino Médio de dois cursos Técnicos, um em Administração e outro recém criado de Meio Ambiente. A aplicação do formulário aconteceu em abril de 2020, um mês após o interrompimento, a partir de 15 de março, das aulas presenciais. Nesse estudo, tentar-se-á responder às seguintes perguntas de pesquisa: Quais as principais dificuldades dos alunos em relação ao acesso



durante o ensino remoto? Como pode ser melhorada a qualidade do ensino remoto na Fundação Osório?

4.1. Instrumento de pesquisa e amostragem

O formulário, que continha 15 itens, foi subdividido em duas partes principais. A primeira parte buscava compreender como era o acesso dos alunos ao AVA (moodle), bem como as limitações tecnológicas envolvidas; e a segunda parte teve como intuito avaliar o ensino, entendendo quais ferramentas favoreciam mais a aprendizagem. Houve ainda uma pergunta aberta ao final, em que o aluno poderia fazer críticas ou sugestões para a melhoria do ensino remoto.

A pesquisa foi aplicada a toda população do Ensino médio, composta inicialmente por 280 alunos, sendo 118 de quatro turmas do 1º ano, 87 de três turmas do 2º ano e 75 de três turmas do 3º ano. Das 10 turmas que compõem todo o segmento do Ensino Médio da escola, apenas uma turma do 1º ano cursa o Técnico em Meio Ambiente, uma vez que teve sua criação no próprio ano de 2020. As demais 9 turmas cursam o Técnico em Administração.

Os alunos que compuseram a amostra faziam parte da Fundação Osório, entidade de direito público vinculada ao Ministério da Defesa, fundada em 1921, que tem como missão “ministrar a educação básica e profissional aos dependentes legais de militares do Exército e das demais Forças Singulares desenvolvendo competência para o trabalho e exercício da cidadania” (FUNDAÇÃO OSORIO, 2020). A Fundação Osório oferece ensino do 1º segmento do Ensino Fundamental ao Ensino Médio Profissionalizante, totalizando cerca de 950 alunos matriculados. Os discentes do Ensino Médio participam, em média, de 18 disciplinas semanais totalizando uma carga horária de 4630 horas nos três anos, sendo 1000 horas do curso profissionalizante, 150 horas de estágio supervisionado e 3480 horas de propedêutica e atividade cívica.

Responderam ao questionário online encaminhado 278 alunos, havendo um aluno que não respondeu, além de outro que consta matriculado, mas que não registrava frequência nas aulas desde o início do ano letivo. Houve ainda uma resposta anônima que foi contabilizada, o que totalizaram em 279 participações.



5. Resultados

5.1. Contexto

O AVA era utilizado na Fundação anteriormente ao período de ensino remoto, como uma iniciativa dos docentes. Ele foi implementado por um docente de Física, que já havia conhecimento sobre a tecnologia e repassou as funcionalidades para outros docentes que quisessem utilizá-la, sendo portanto responsável pelos cadastros e manutenção do sistema. Em sua maioria, o sistema era utilizado de forma parcial, tanto no Ensino Médio, quanto no Ensino Fundamental, servindo apenas como instrumento de centralização de conteúdos e atividades aos alunos e, também, em alguns momentos para aplicação de avaliação online.

Como já se havia o hábito de utilizar essa ferramenta no ensino presencial, com a suspensão das aulas tornou-se natural para os docentes recorrer a ela para conseguir contato com os discentes. Portanto, a Fundação Osório fez seu planejamento de ensino na quarentena, tornando o AVA o canal oficial para o ensino remoto e estabeleceu um novo quadro de horário das disciplinas, sendo especificado um dia da semana para cada área de conhecimento (ciências da natureza, matemática, linguagens e ciências humanas), além das disciplinas profissionalizantes, que passaram a ter frequência quinzenal.

Alguns alunos começaram naturalmente a dar feedbacks sobre o uso do AVA e sobre sua percepção do ensino remoto. Para tentar trazer dados mais consolidados sobre esse feedback, portanto, fez-se a necessidade da pesquisa. Os principais resultados são mostrados adiante.

5.2. Análise dos recursos para acesso

Um aspecto a se observar, devido à heterogeneidade dos discentes da Fundação, é sobre a possibilidade de acesso a recursos tecnológicos. A pesquisa demonstra que 14 alunos contavam apenas com a internet móvel (4G) para acesso aos instrumentos de ensino, sendo desses, 10 alunos que contavam apenas com o celular sem acesso a notebook, computador ou outro recurso tecnológico que os auxiliassem. Ainda sim, talvez por não se ter um computador ou notebook exclusivo, os alunos apresentam que o dispositivo mais utilizado é o celular. Em relação ao uso da internet o wifi (95%) é o mais



frequente, seguido de internet móvel do celular (34,1%), a internet móvel provavelmente é utilizada devido à instabilidade no wifi, como mostra a figura 1.



Figura 1: Recursos para acesso

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Perguntados sobre o local de acesso, verificou-se que 97,3% dos alunos acessam de sua própria casa. No entanto, ainda existem casos de alunos que acessam o material na casa de um parente (8,6%), casa de um amigo/vizinho (3,6%) e Lan House (0,7%).

5.3. Análise do acesso ao AVA

Mesmo detectada as dificuldades por parte de alguns alunos em acessar os recursos tecnológicos, 96,4% deles responderam conseguir acesso ao AVA. No entanto, chama a atenção que 3,6%, 10 alunos, não conseguiram, ou seja, mesmo após os trabalhos terem sido iniciados pelos professores no AVA há mais de um mês, havia 10 alunos que estavam impossibilitados de qualquer acesso. Desses 10 alunos, 9 só contavam com o celular para acesso, um contava apenas com a internet móvel e outro que acessava pela casa de um parente. O app do moodle foi disponibilizado apenas dia 11 de abril, 5 dias antes do início desta pesquisa, anteriormente o AVA só estava disponibilizado na versão desktop.

As causas relatadas para a inacessibilidade foram a falta de acesso do aluno à internet; a instabilidade do site, que o tornava indisponível; e a dificuldade para a inscrição nas disciplinas do curso. Para esses alunos foi perguntado Como recebe as atividades e conteúdos das disciplinas sem acessar o AVA? Sete disseram que outros colegas enviam, quatro disseram que o professor envia por Whatsapp, quatro disseram



que os representantes de turma enviam, um disse que o professor envia por e-mail e outro disse que não recebia de nenhuma forma.

Mesmo os alunos que relataram conseguir acesso ao AVA apontaram outros problemas na plataforma, como a dificuldade de acesso às disciplinas (80,7%), dificuldades essas relacionadas a problema de inscrição e instabilidade do site.

5.4. Análise da experiência com o ensino remoto

No ensino remoto, a maioria dos docentes optaram por trabalharem com atividades assíncronas, justamente pela falta de experiência com tecnologia de ensino a distância e por já utilizar esse recurso em aulas presenciais. Todavia, foi percebida uma dificuldade dos alunos nas entregas das tarefas direcionadas pela plataforma. A pesquisa aponta que 67,7% dos alunos já perderam o prazo de entrega de alguma tarefa. As razões apontados para a perda do prazo foram “tinha outras tarefas para fazer” (56,1%), “não sabia qual era a data” (48,1%), “não sabia como enviar” (27,5%). Outras justificativas que os alunos deram espontaneamente estão especificadas no quadro 1.

Quadro 1: Razões para perder prazo das tarefas

| Tópico | Relatos |
|------------------------------|---|
| Falta de rotina do estudante | “esqueci de enviar” “acabei me atrapalhando com os deveres” “estava almoçando e não vi que era o horário da entrega” “esqueci a entrega por causa da quantidade de trabalhos” “eu perdi o horário pois estava na aula de curso de inglês” |
| Problemas tecnológicos | “porque eu tive um problema na internet” “dificuldade no wifi” “fiquei sem luz por alguns dias, não conseguia acessar o AVA” “não estava conseguindo entrar no site” “estava sem internet durante alguns dias, então não pude acompanhar algumas tarefas” “estava sem telefone e sem computador” “o site fica caindo a conexão e já verifiquei e não é problema com a minha internet” |



| | |
|----------------------|--|
| | “não sabia como enviar, primeira vez que estou entrando no AVA” “às vezes, tenho problemas em acessar a plataforma (fica ‘indisponível’)” “não estava inscrita no curso da matéria” “tive um problema com a forma de entrega que só tinha como ser feita pelo pc, o qual não tenho acesso durante a quarentena” |
| Falha de comunicação | “não fiquei sabendo da tarefa” “enviei por email, mas era pra enviar pela plataforma” |
| Fator emocional | “desmotivação e cansaço mental” |
| Organização | “muitos prazos são no mesmo dia ou apenas 1 dia de diferença” “os professores parecem que não tem organização entre eles e acabam passando muito dever junto pra entregar” “sem necessidade de ter tanto trabalho pra entregar na mesma semana” |

Fonte: Autoria própria (2020)

Com relação aos principais problemas com as aulas remotas, os alunos dizem ter “muitas atividades na semana” (81%), “não consigo ter rotina de estudo” (59,5%), “dificuldade de comunicação com os professores” (43,4%), “não consigo tirar dúvidas” (28%), “acesso ao material” (18,6%), “pouco conteúdo sendo passado” (6,8%), “nenhum problema” (3,9%). Houve ainda outras respostas, apresentadas no quadro 2.

Quadro 2: Dificuldades com as aulas remotas

| Tópico | Relatos |
|------------------------------|---|
| Falta de rotina do estudante | “mesmo conseguindo entender os trabalhos e entregar até antes do prazo, eu não tenho uma rotina de estudos, como antes” “tenho mais dificuldade na aprendizagem” |



| | |
|------------------------|---|
| | “não consigo ter uma rotina com matérias determinadas a partir dos dias por conta dos vários prazos de trabalhos, mas estudo regularmente” |
| Problemas tecnológicos | “além de muitas matérias sendo passadas, quando eu fico sem a internet móvel para acessar a plataforma eu acabo me perdendo” “o site sai do ar frequentemente” “sobrecarga na plataforma, aí não consigo entrar” |
| Falha de comunicação | “é difícil acompanhar quando as matérias são colocadas no site já que temos 18 [disciplinas] e muitos professores não informam quando foi postado. Estamos melhorando isso com a comunicação dos professores, uma ação que começou essa semana” “falta das explicações de parte dos professores” “em algumas matérias, fica difícil de esclarecer as dúvidas, ainda mais quando os professores não respondem e-mail e tudo mais, sendo que se a gente não responde eles, nós somos penalizados” “a maioria dos professores tira dúvidas, mas alguns não respondem as dúvidas no fórum e aí não adianta nada” |
| Fator emocional | “não consigo ter rotina de estudos, existe muitos problemas pessoais também, mas não sei se vem ao caso” |
| Organização | “os prazos das atividades estão amontoados uns nos outros e há tanto trabalho agora que não está dando para acompanhar” “além de serem muitas atividades, o prazo de entrega para alguns também é curto. No meu caso, estou trocando o dia pela noite, são trabalhos complicadíssimos de algumas matérias que ainda são novas pra gente e isso complica, porque queremos tirar dúvida, mas online é muito complicado pra mim. Se presencial eu já quase não entendia nada pois ficava perdida, imagina online” muitos trabalhos com o mesmo prazo de entrega”, “um trabalho em cima do outro” |

Fonte: Autoria própria (2020)



5.5. Análise sobre preferências de ensino

Para compreender melhores estratégias a serem adotadas no ensino remoto, tentamos compreender as preferências dos alunos. Sobre as aulas foi perguntado: Quais formatos de aula você sente mais facilidade para aprender? As respostas são mostradas na figura 2.

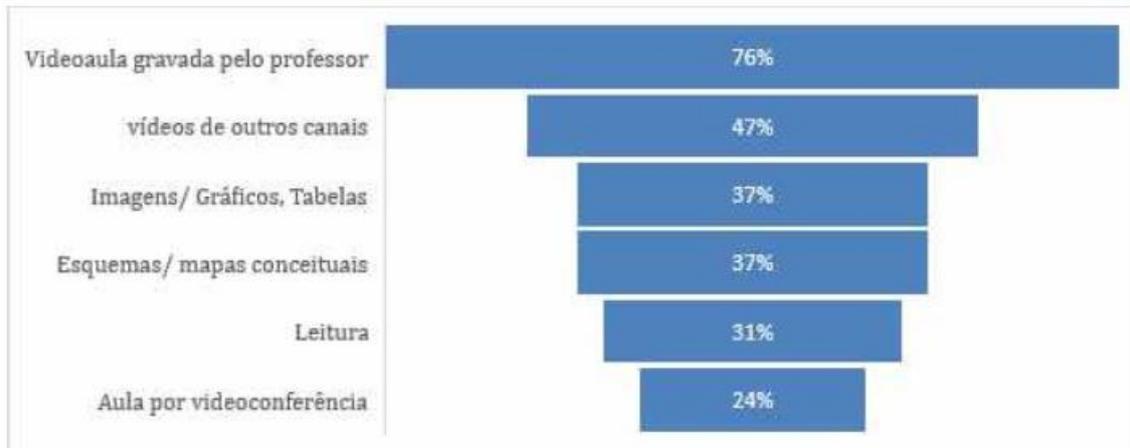


Figura 2: Preferência de formatos de aula

Fonte: Dados da pesquisa (2020)

Outros formatos sugeridos foram “aulas de dúvidas”, “aula presencial”. Ainda houve um aluno que não havia se identificado com nenhuma das modalidades: “sinceramente, eu não sei. Eu já tentei de tudo e já quebrei muito a cabeça pra entender. Mas é impossível pra mim”. Perguntou-se também: Quais tipos de atividade você acredita que te faz aprender melhor? As respostas são mostradas na figura 3.

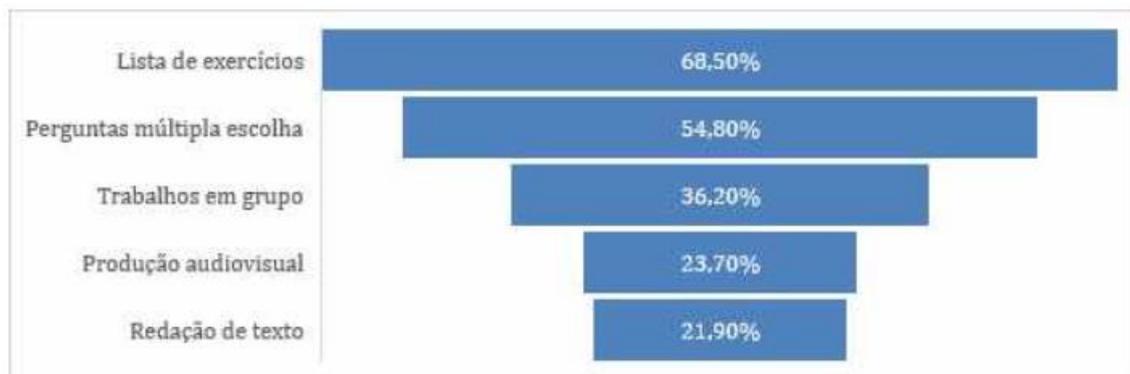


Figura 3: Preferencia de atividades

Fonte: Dados da pesquisa (2020)



Ainda teve a sugestão de: “exercícios com a possibilidade de interagir com o professor sobre as dúvidas”.

A pergunta aberta, último item do questionário, foi um espaço para que o aluno pudesse escrever sobre qualquer dificuldade em relação às perguntas anteriores ou para expor sua opinião sobre qualquer outro assunto que julgasse relevante, sendo aconselhado a dar sugestões para melhorar o ensino remoto. Como este item não era de resposta obrigatória, foram recebidas 104 participações, o que representou um retorno de 37% dos estudantes. As respostas foram categorizadas em 4 grupos: i) metodologias de ensino; ii) planejamento de ensino; iii) comunicação; e iv) outros apontamentos.

5.5.1. Metodologias de ensino

Os principais problemas apontados pelos alunos nesta categoria foram a exigência de recursos que os alunos não possuem, a utilização do livro didático que ficou na escola, a cobrança excessiva de tarefas que não acontecia no ensino presencial, a utilização só de textos e exercícios que os desmotivam, os professores avançarem muito rápido com os conteúdos, passar tarefas sem explicação e exercícios com conteúdos novos que ainda não aprenderam. Tudo isso, segundo os alunos, os induzia a reutilizar respostas dos colegas nas entregas das tarefas, pois não estavam tendo tempo para realizar todas as atividades, o que, na percepção deles, não estava gerando aprendizado.

As sugestões apontadas pelos alunos foram para que os professores fizessem videoconferências e videoaulas que não fossem muito extensas, passassem questões múltipla escolha, não colocassem apostilas longas, autorizassem a entrega de tarefas por foto do caderno, indicassem canais para assistir, fizessem dinâmicas para interagir com os alunos e para saber como eles estão, produzissem material original e dessem orientações mais objetivas sobre os trabalhos.

5.5.2. Planejamento de ensino

Os principais problemas apontados pelos alunos nesta categoria foram haver muito conteúdo, muito trabalho, não saber quando tem que entregar trabalho, sem tempo pra fazer tudo, muita cobrança, prazos curtos para entrega, quebra do cronograma feita pelos professores, ensino remoto em dias de feriados, alunos tendo de se reunir pelo



Discord para estudar, às vezes de madrugada, para conseguir acompanhar os conteúdos disponibilizados pelo professor.

As sugestões apontadas pelos alunos foram para que os professores intercalassem uma semana de aula e na outra de entrega de tarefa; não parar de passar matéria em ano de vestibular; criar planilha compartilhada com agenda semanal.

5.5.3. Comunicação

Os principais problemas apontados pelos alunos nesta categoria foram o professor responder de forma grosseira; professor não responder, falta de comunicação; professores não avisam que colocaram trabalhos; os professores dizem uma coisa e depois mudam; pouca orientação por parte da direção da escola; as mensagens se perdem no whatsapp; não saber quando o professor coloca material.

As sugestões apontadas pelos alunos foram para que os professores não enviassem tarefa no whatsapp; outros já dizem que é melhor mandar tarefa pelo whatsapp; criar grupos no whatsapp por disciplina; constataram que os professores precisavam melhorar a comunicação entre eles; os professores precisariam fazer reuniões entre eles; não basta passar só trabalho, tem que dar feedback, respostas, correções.

5.5.4. Outros apontamentos

Algumas observações foram pontuadas sobre o acesso à tecnologia: sem computador; problema com o uso do AVA; só é possível acessar pela internet do celular; são 'desinscritos' sozinhos; o AVA só funciona em um computador da casa; dificuldade de acessar pelo celular; não consegue acessar disciplina, mesmo inscrito; o Google Classroom seria melhor.

Outras considerações feitas foram em relação às questões emocionais resultantes dos efeitos da pandemia. Os alunos destacaram estar com emocional abalado; dificuldade em ter uma rotina; sem motivação para estudar; alunos doentes, passando por momentos difíceis com as famílias; os alunos não estavam habituados com esta modalidade de ensino remoto; muito cansativo; a quarentena é um pesadelo; EAD é mais desgastante que o ensino presencial.



6. Discussão

Para operacionalizar e contribuir positivamente para o aprendizado dos estudantes, a oferta de disciplinas em um ambiente de ensino remoto requer planejamento, organização, disponibilidade tecnológica e capacitação dos docentes. No entanto, devido ao caráter imediatista imposto pela pandemia e a falta de experiência anterior da instituição, o planejamento para esse período foi feito de forma emergencial (HODGES et al., 2020). A primeira pergunta de pesquisa proposta foi: *Quais as principais dificuldades dos alunos em relação ao acesso durante o ensino remoto?*

Foi constatada a visível dificuldade dos estudantes ao acesso (ARRUDA, 2020), muito relacionada principalmente a problemas técnicos do Ambiente Virtual e em outros casos à dificuldade individual de acesso à tecnologia, ou ao simples despreparo na utilização dessas tecnologias. Fica claro que o ensino remoto conciliado ao ambiente virtual de aprendizagem podem ser um meio promissor para o ensino durante o isolamento social e ao mesmo tempo podem ser um meio de exclusão, principalmente dos alunos que não sabem lidar com tecnologias da informação e comunicação e, principalmente, para os alunos em situação de vulnerabilidade social que não dispõem de todos os recursos para acesso aos conteúdos ministrados nesta modalidade.

Além da dificuldade básica de acesso ao Ambiente Virtual, constatou-se também dificuldades relacionadas ao formato do ensino remoto, desde a quantidade de tarefas exigidas a falhas na comunicação relacionadas a prazo e orientações, evidenciando a importância da capacitação docente (BELLONI, 1998; PAIANO, 2007) anterior à adoção de uma nova estratégia de ensino. Fica nítido o descompasso entre os professores acostumados usualmente a uma rotina presencial em face a uma nova rotina de estudos orientados remotamente, sem instruções prévias de como o fazer. Observa-se também, por outro lado, o perfil de estudantes, adolescentes de 14 a 19 anos, muitos não acostumados aos estudos em casa, que exige dedicação, rotina e planejamento. Importante ressaltar que esse público exige um trato diferenciado em relação à educação à distância de jovens e adultos.

Disponibilizar disciplinas em formato de ensino remoto, de modo irrestrito, sem considerar esses aspectos coloca em risco a proposta de ensino de forma responsável em um cenário atual da pandemia da COVID-19. É urgente se pensar em planejamento e ações que promovam a melhoria do aprendizado, mesmo com o aspecto emergencial da



situação (THOMAZINHO, 2020). Portanto, a segunda pergunta de pesquisa traz para discussão esse aspecto: *Como pode ser melhorada a qualidade do ensino remoto na Fundação Osório?*

Algumas medidas começaram a ser implementadas após apresentação dos resultados da pesquisa para a instituição, para mencionar: a criação de agenda compartilhada, reunião entre professores, aulas síncronas, redução de tarefas, criação de um calendário específico para avaliações. Contudo, ainda há muito a se ponderar, por isso a partir dos dados obtidos, algumas orientações foram criadas e discutidas com os coordenadores e supervisão de ensino. Sobre *metodologias de ensino*, sugeriu-se produções de vídeo aulas com no máximo 15 minutos, realização de videoconferências pelo zoom ou outra plataforma, elaboração de roteiros explicativos das tarefas, atribuir tarefas que não dependam do uso de recursos tecnológicos que os alunos não possuam, diversificar atividades (filmes, canais de conteúdo, dinâmicas) e ponderar a cobrança de atividades, principalmente quando se inicia conteúdos novos. Sobre *planejamento de ensino*, sugeriu-se a criação de um calendário interativo para acompanhamento da supervisão, coordenação e professores, de modo que os alunos pudessem visualizar e, com isso, melhorar sua rotina de estudos. Sobre *comunicação*, sugeriu-se a realização de reuniões semanais entre professores de disciplina e reuniões quinzenais entre coordenações de segmento, supervisões de ensino e coordenadores de disciplina. Com relação aos *problemas técnico do AVA*, sugeriu-se planejar a mudança do servidor da plataforma, com o intuito de reduzir o tráfego de usuários e decorrentes erros de página, além de sugerir aos docentes não dependerem apenas da plataforma como mecanismo de comunicação. Quanto às *questões emocionais*, sugeriu-se compreender o público adolescente e trabalhar em uma estratégia junto ao serviço de orientação aos estudante (SOE), promovendo a motivação nos alunos e o apoio emocional.

7. Considerações finais

Esta experiência de ensino remoto tem permitido que seja feita uma reflexão crítica sobre a estrutura escolar da pós-modernidade, imersa nas novas tecnologias (BELLONI, 1998). Se de um lado, o papel do professor na sala de aula tem se demonstrado imprescindível, sobretudo na escola básica, por outro, abre-se espaço para



a necessidade de novas metodologias que ofereçam uma aprendizagem mais eficiente (RIBEIRO et al, 2007).

Desde a apresentação dos resultados da pesquisa, a Fundação Osório vem trazendo novas medidas para melhoria dos resultados, como a criação de uma nova hospedagem do AVA exclusivo para o Ensino Médio, deixando o anterior apenas para o Ensino Fundamental, o que solucionou os problemas técnicos de indisponibilidade, dividindo o fluxo. Além disso, como proposta de estudo futuro, planeja-se a aplicação do survey novamente para mensurar se as novas medidas vêm trazendo resultados desejados.

Sugere-se que estudos como esse sejam realizados em instituições de ensino para melhor compreender as especificidades que circundam cada experiência de e-learning. Futuras pesquisas precisam investigar a adaptação de alunos, pais e professores diante de uma realidade que envolve o ensino remoto emergencial, para que ele possa ser aperfeiçoado e, com isso, melhor utilizado em vista de uma aprendizagem mais promissora.

8. Referências

ALVES, L., BARROS, D.; OKADA, A. **MOODLE Estratégias Pedagógicas e Estudos de Caso**. Universidade do Estado da Bahia - UNEB. EDUNEB. 2009

ARRUDA, E. **EDUCAÇÃO REMOTA EMERGENCIAL: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. Em Rede-Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 257-275, 2020.

BELLONI, M. Tecnologia e formação de professores: Rumo a uma pedagogia pós-moderna?. **Educação & Sociedade**, v. 19, n. 65, p. 143-162, 1998.

BRASIL (a). Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE-CP N° 5, de 30 de abril de 2020, dispõe sobre a reorganização do Calendário Escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da COVID-19. Disponível em:



<<https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Parecer-cne-cp-005-2020-04-28.pdf>> Acesso em: 27 mai. 2020.

BRASIL (b). Portaria nº 343, de 17 de março de 2020 que dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Ministério da Educação - MEC. Disponível em: <<https://www.mec.gov.br/>> Acesso em 27 mai. 2020.

CARDOSO, Lindabel Delgado. A política educacional no município de Guarulhos/SP – gestão 2001-2004 : da construção da Rede Municipal de Educação ao Projeto Político Pedagógico. Dissertação de mestrado. Campinas, SP. 2006.

FUNDAÇÃO OSÓRIO. A Fundação. Disponível em: <<http://www.fosorio.g12.br/index.php?fosorio=afundacao>>. Acesso em: 28 mai. 2020.

INEP. Censo Escolar 2019. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>> Acesso em: 28 mai. 2020.

HODGES, C. et al. The difference between emergency remote teaching and online learning. *EDUCAUSE Review*. 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://er.educause.edu/articles/2020/3/the-difference-between-emergency-remote-teaching-and-online-learning>> Acesso em: 29 mai. 2020.

PAIANO, V. Investigando ferramentas síncronas e assíncronas na interação em educação a distância. Dissertação (Mestrado em tecnologias da informação e comunicação na formação em EAD). Universidade Norte do Paraná – UNOPAR e Universidade Federal do Ceará – UFC, Londrina, 2007.

RIBEIRO, E.; MENDONÇA, G.; MENDONÇA, A. **A Importância dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem na Busca de Novos Domínios da EAD**. In: ABED, Curitiba, 2007.



THOMAZINHO, Paulo. Ensino Remoto Emergencial: A Oportunidade da Escola Criar, Experimentar, Inovar e se Reinventar. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/@paulotomazinho/ensino-remoto-emergencial-a-oportunidade-da-escola-criar-experimentar-inovar-e-se-reinventar-6667ba55dacc>> Acesso em: 25 mai. 2020.